

CONCEPÇÕES DE CRIANÇA E INFÂNCIA NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E NO CONSTRUTIVISMO: TENSÕES E CONTRADIÇÕES

Eixo 1 – Questões teórico-metodológicas da Pesquisa Educacional

Sahra Nayra Rodrigues dos Anjos⁶¹

Milla Benetti Felipe⁶²

Hellen Jaqueline Marques⁶³

Introdução

Este trabalho apresenta resultados de pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (Pibic), que analisa as concepções de Criança e Infância dentro de duas teorias pedagógicas: a Pedagogia Histórico-Crítica e o Construtivismo. Tais análises têm como pressuposto fontes primárias e ensaios teóricos que fundamentam ambas as perspectivas. A infância nem sempre foi compreendida como uma fase distinta e protegida da vida. Ao longo da história, a forma como a sociedade enxerga a criança passou por profundas transformações.

Na Idade Média, a infância era pouco valorizada e crianças eram tratadas como pequenos adultos, inseridas precocemente no trabalho e na vida social (Ariès, 1981). Este cenário começou a mudar com o pensamento iluminista, especialmente com Jean-Jacques Rousseau, que marcou uma ruptura ao defender a infância como uma etapa especial do desenvolvimento humano, que exige cuidado, tempo e educação adequados. No Brasil, o conceito de infância foi moldado por contextos históricos como a colonização, a escravidão, o processo de urbanização e a ditadura militar, influenciando a criação de políticas públicas voltadas à infância. Por muito tempo, o foco das ações estatais foi assistencialista e repressivo, principalmente no trato com crianças pobres, vistas como "menores em situação irregular" (Marques, 2025).

Com a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), a criança passou a ser reconhecida como sujeito de direitos, o que impulsionou mudanças na forma de atendimento e proteção à infância. Nossa intenção é contribuir para a formação de uma consciência crítica e reflexiva por parte de professores de diversas áreas, para que, por meio da apropriação do conhecimento, possam intervir intencionalmente para a transformação da realidade escolar. Esta medida é necessária e urgente diante da hegemonia de perspectivas educacionais que naturalizam o desenvolvimento infantil. Tais concepções não surgem espontaneamente em nossa sociedade, estão atreladas às diferentes explicações sobre o modo de ser, viver, aprender e se desenvolver na infância (Saviani, 2007). E compreender a dinâmica social que dá origem a essas diferentes concepções é de suma importância para o trabalho docente já que ao longo do tempo o conceito de infância foi se transformando a partir de diversos significados. Significados e explicações

⁶¹ Estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (Faed), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (Pibic/UFMS). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, Formação Docente e Educação (GEPEFE/UFMS). E-mail: sahra.anjos@ufms.br.

⁶² Estudante do curso de Pedagogia da Agência Educação Digital e a Distância (Agead), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Voluntária do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (Pibic/UFMS). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, Formação Docente e Educação (GEPEFE/UFMS). E-mail: benetti.milla@ufms.br.

⁶³ Professora da Faculdade de Educação (Faed) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, Formação Docente e Educação (GEPEFE/UFMS). E-mail: hellen.marques@ufms.br.

que coexistem na atualidade e interferem diretamente na prática pedagógica do professor, visto que não é possível conceber a educação sem uma ideia de indivíduo.

Concepções de criança e infância à luz do Construtivismo

O construtivismo baseado na psicologia genética de Jean Piaget, se apresenta como fundamento científico para os “métodos ativos” e para “Escola Nova”. Essa teoria está imbricada no texto de Maria Aparecida Cintra (1973) que destaca que “métodos ativos” são definidos pela participação ativa na construção do conhecimento com base na assimilação, na acomodação e na equilíbrio da cognição. Segundo a teoria, todo esse processo se dá de forma espontânea e natural na criança, ou seja, a construção de pensamentos depende exclusivamente do esforço ativo do aluno, fato que se opõe à ideia de criança como um receptáculo ligada à educação tradicional. A autora destaca que um dos pilares da educação construtivista é a reciprocidade do aluno com o meio (valores morais e sociais), o que supera o modelo de passividade do método tradicional, no qual o educando apenas recebe de forma unilateral o conhecimento de seu educador (Cintra, 1973).

Nessa dinâmica o professor abandona o papel de doador para se tornar um colaborador das aprendizagens, adotando, assim, a função de organizador do meio e das situações de aprendizagem, para que a interação espontânea da criança tenha qualidade. Ou seja, “A relação educativa na base da pressão e da recepção onde apenas um dos termos do processo é ativo, enquanto através dos métodos ativos este baseia-se na relação de reciprocidade entre os termos — indivíduo e o Meio —”(Cintra, 1973, p. 39). Sendo assim, a infância na perspectiva Construtivista é vista como uma fase do desenvolvimento, dotada de particularidades, algo em constante metamorfose e crucial para o desenvolvimento do homem. Nessa linha de pensamento, o documento analisado destaca a contraposição a Escola Tradicional que tem na criança a visão de um adulto em miniatura que está apenas recebendo conhecimento suficiente para fazer parte das próximas etapas do desenvolvimento. Na contramão dessa percepção tem-se o modelo da Escola Nova, que propõe respeito e a total autonomia da criança nas vivências de sua infância.

Esta autonomia define a criança como um ser funcional e ativo dotada de espontaneidade, sendo esta não é apenas um desejo, mas sim algo ligado a necessidade biológica e intelectual para o crescimento, de forma que, nessa perspectiva, a criança é o centro do seu aprendizado, e todo o conhecimento é assimilado com seu próprio esforço através da interação com o meio. Assim, como consequência desse processo, tem-se a construção de inteligências. Para tanto, o papel da escola e do professor está focado em proporcionar os instrumentos necessários para que haja o processo cognitivo de assimilação e acomodação, para que o educando passe de uma etapa do desenvolvimento para outra.

Há também que se considerar o apontamentos de Marc-André Bloch (1951), que faz uma análise detalhada e riquíssima sobre os princípios da Escola Nova e como se contrasta com a pedagogia tradicional, para tal demonstração o autor utiliza a comparação com a metáfora da Revolução Copernicana que demonstra a inversão de centralidade do processo educativo que muda do professor como detentor do conhecimento para o aluno, não só como o centro da escolarização, mas como ponto de partida e fim desse processo, essa analogia demonstra: “Os métodos e os programas a gravitar em torno da criança e, não, a criança a girar mal e mal em torno de um programa fixado fora dela, tal é a revolução 'copernicana' para a qual a psicologia convida o educador.” (Bloch, 1951, p. 37).

O autor defende a educação funcional que se baseia na “[...] lei fundamental do interesse: a atividade é sempre suscitada por uma necessidade” (Bloch, 1951, p. 41), dessa forma o papel da escola deve ser proporcionar um ambiente que priorize as atividades naturais de criação dos educandos e não apenas de atividades receptivas e passivas, sendo um espaço de experiências vivas e práticas, buscando o desenvolvimento pleno do psiquismo inteiro do aluno. E por fim, Bloch (1951)

demonstra a importância do trabalho manual como um “trabalho de cultura” que tenta romper com a “escola do livro” que o autor destaca como uma característica da escola tradicional, muito centrada no academicismo e baseado em um “verbalismo tradicional” que ignora a estrutura psíquica e mental da criança diferente do trabalho manual que valoriza e dispõe de todas as habilidades do educando favorecendo o desenvolvimento intelectual, físico, motor e até mesmo moral pois promove a autonomia, paciência, promovendo uma aprendizagem mais significativa do que a imposta pelo modelo da pedagogia tradicional.

Por fim, um grande destaque da educação construtivista está no “aprender a aprender”, perspectiva que propaga que até o erro é parte integrante do processo ativo da construção da cognição, não sendo, por exemplo, algo que denote a falha na memorização do conhecimento como era visto na Pedagogia Tradicional. Portanto, o foco da aprendizagem está no processo e não no resultado, visando a experimentação e a redescoberta para um desenvolvimento pleno do aluno (Cintra, 1973). O papel da inteligência, dentro desta linha, é um “trabalho construtivo” e uma “adaptação” e logo, o erro é um fator que identifica que os processos de esquemas mentais do aluno estão funcionando, proporcionando ao aluno novos ajustes e tentativas de romper com os desafios

Concepções de criança e infância a luz da Pedagogia Histórico-Crítica

No decorrer da pesquisa nos deparamos com concepções de criança alicerçadas no pensamento de Lev Vygotsky (2004). Este autor define que o ser humano, não nasce pronto, mas torna-se humano através de sua interação com a cultura, a sociedade e a educação. Dessa forma a criança produz em si mesma o que Saviani (2013) chama de Humanidade, por meio das atividades intencionais e sistematizadas. Essas atividades, quando mediadas pelo professor tem como função ampliar o conhecimento prévio da criança, ou até mesmo corrigir, pois "Trata-se de uma pedagogia cujo objetivo é produzir a humanidade nos indivíduos por meio de uma atividade intencional, sistematizada, voltada às formas mais adequadas de transmitir os conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos" (Marques; Duarte, 2020, p. 2214).

Desta forma, todos os profissionais da educação que estão envolvidos no ato de ensinar (que é o centro do processo de escolarização) contribuem de forma ativa para a formação e emancipação dessa criança, isso acontece através da mediação dos saberes mais elaborados como por exemplo a ciência, filosofia e a arte. De acordo com essa visão, para que o Ato de Ensinar ocorra de forma coesa é necessário o desenvolvimento do psiquismo através da educação escolar.

Tal processo depende de fatores como a ruptura da concepção biologistica e o determinismo natural sendo essa cisão a tese central da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) e da Psicologia Histórico-cultural. Ambas têm como força motriz o trabalho social, que é definido pela necessidade do homem de modificar a natureza para satisfazer as necessidades criadas pelo próprio homem. Dentro dessa dinâmica, os conhecimentos das funções das criações dos homens são ensinados para as gerações futuras. Essas criações podem ser objetos materiais, mas também artefatos imateriais como a cultura e os conhecimentos intelectuais, fato esse que nos diferencia dos demais animais.

Diante dessas informações podemos entender que a infância é histórica, e o processo de educação escolar é responsável por socializar os conhecimentos científicos e culturais construídos ao longo do tempo, sejam eles universais ou históricos. Isso permite que a criança consiga sair do nível empírico, ou seja, de um conhecimento baseado apenas nas suas experiências de observação do cotidiano, para um conhecimento científico, inclusive sobre as circunstâncias práticas do seu dia-a-dia. Dessa forma, o indivíduo torna-se um agente histórico capaz de ser um instrumento de transformação de sua realidade dos que com ele convivem.

Considerações Finais

Compreender a evolução do conceito de criança e de infância é de suma importância para o trabalho do professor. Isso porque tais visões permeiam o trabalho prático desse. Ao longo do projeto puderam ser atestadas diferentes visões que culminaram em duas abordagens destacadas dentre as concepções pedagógicas atuais: o construtivismo e a pedagogia histórico crítica. A superficialidade no tratamento dessas duas linhas pedagógicas muitas vezes leva a um não entendimento sobre os seus postulados práticos. Ao contrário disso, a análise das perspectivas permitiu construir bases fundamentais para a compreensão dos conceitos que envolvem a educação e a formação humana desde a infância.

Assim, foi possível atestar que o uso de afirmações como "a criança é construtora do seu próprio conhecimento" ou até mesmo a romantização da pedagogia do "aprender a aprender" não encontram fundamentos sólidos até no que tange a própria psicologia do desenvolvimento. Isso porque, como destacado pela PHC, a criança precisa ter contato com um saber estruturado e para além do contato individual, espontâneo, ela precisa de um guia nesse processo de apropriação dos saberes historicamente construídos.

O que nos leva a uma constatação importante no campo pedagógico que é a de que muitas vezes o professor utiliza termos referentes a uma visão pedagógica que não domina, ou ainda, que em realidade não carrega consigo a metodologia que é capaz de produzir a construção do conhecimento almejada como o sentido da ação pedagógica docente. Por isso, a importância da análise destas concepções fica ainda mais clara e se mostra necessária na formação docente. Ainda mais, em tempos nos quais a superficialidade teórica leva à apropriação de discursos que, na prática, não encontram embasamento.

Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República.

CINTRA, Maria Aparecida. Os métodos ativos e a escola nova. *In*: CASTRO, Amélia Domingues de *et al.* **Didática para a Escola de 1º e 2º graus**. 2. ed. São Paulo: Editora Edibell, 1973. p. 37-48.

DUARTE, Newton (org.). **Sobre o construtivismo**: contribuições a uma análise crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 77).

MARQUES, Hellen Jaqueline; ABREU, Claudia Barcelos de Moura. Reflexão ou Inflexão? A formação de professores no Brasil (2000-2010). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 71, p. 334-359, mar. 2017.

MARQUES, Hellen Jaqueline; DUARTE, Newton. A Pedagogia Histórico-Crítica em defesa de uma educação revolucionária. **RIAAE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. esp. 3, p. 2204-2222, nov. 2020.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2013

SAVIANI, Dermeval. Infância e Pedagogia Histórico-Crítica. *In*: MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão (org.). **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. p. 247-279